

A GEOGRAFIA E A VISÃO DOS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO ACERCA DA DISCIPLINA ESCOLAR

Jardel da Silva Oliveira Junior

Jardeljunior21@gmail.com¹

Resumo

A geografia escolar, além das suas discussões internas enquanto disciplina, esbarra em várias questões no que se refere a formação de seus profissionais e ao sistema educacional brasileiro. A presente pesquisa tem como objetivo principal analisar a percepção dos estudantes do ensino médio da rede estadual em São João de Meriti – RJ através de um estudo de caso no Colégio Estadual Jardim Meriti, buscando entender quais são as problemáticas do universo geográfico presentes no ensino e quais os desafios que a geografia enfrenta nas escolas públicas. Os alunos do ensino médio ainda têm a visão de uma geografia acrítica, sendo uma disciplina de cunho apenas informacional.

Palavras Chave: Ensino de Geografia, Educação, Ensino Médio

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa aborda questões relativas a prática do ensino de geografia nas escolas públicas. Mais precisamente, uma análise sobre a percepção dos alunos do ensino médio sobre a geografia escolar contemporânea, tendo o Colégio Estadual Jardim Meriti, localizado no município de São João de Meriti, RJ como foco dessa investigação.

A geografia, ao longo de sua história, perpassou por vários caminhos distintos e a partir dos anos 70, no Brasil, ocorreu a chamada “Renovação da Geografia”, onde a ciência rompe com a tentativa de neutralidade e passa a problematizar e interferir na sociedade. Seguindo esse pressuposto, existem diversas discussões acerca do ensino de geografia e as possibilidades referentes a metodologias e formas de conduzi-la. Entretanto, esse processo se dá de forma lenta na prática escolar.

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro



Cavalcanti (2002 p.11) alega que “as discussões teóricas e as propostas para o ensino de geografia têm tido pouca penetração na prática desse ensino ou têm demorado muito a chegar nessa instância”.

Por ser um processo lento, ainda é possível encontrar, no âmbito escolar, uma variedade de noções em relação a qual o papel da geografia na sociedade e o que ela especificamente se propõe a explorar. Conforme Kaercher (2007, p. 34):

Os assuntos parecem seguir uma lógica sem muita lógica. Está no livro? Dá-se o assunto! E, como no livro didático de Geografia de quase tudo se fala (o que não é por si só um defeito ou demérito) o aluno fica desorientado: o que é Geografia? Por que este assunto é Geografia? Por que este assunto é importante para mim? O aluno não consegue ligar a fala do professor a sua vida, ao seu cotidiano.

Portanto, se faz necessário que os alunos tenham entendimento em relação ao objeto de estudo da geografia e como eles podem usufruir do conhecimento geográfico, compreendendo o mundo em que vive e podendo interferir nele através de suas ações frequentes no dia a dia.

Analisar a percepção dos alunos no ensino médio se torna essencial pois demonstra como a geografia está adentrando nas escolas e auxilia na reflexão referente a quais são os desafios que a disciplina enfrenta no contexto escolar.

METODOLOGIA

A pesquisa apresenta uma metodologia de caráter qualitativo e exploratório. É elaborado um questionário e aplicado para os alunos matriculados no colégio sobre questões referentes ao estudo da geografia para que possam ser analisadas, possibilitando uma reflexão sobre o ensino de Geografia a partir das problemáticas que irão surgir com base nas respostas dos estudantes.

Para a coleta dos dados com os estudantes, foi realizado um questionário discursivo com 7 perguntas para 77 alunos das 3 séries que contemplam o ensino médio relacionadas a opinião dos mesmos referente ao estudo da Geografia e sua aplicabilidade em sala de aula.

RESULTADOS

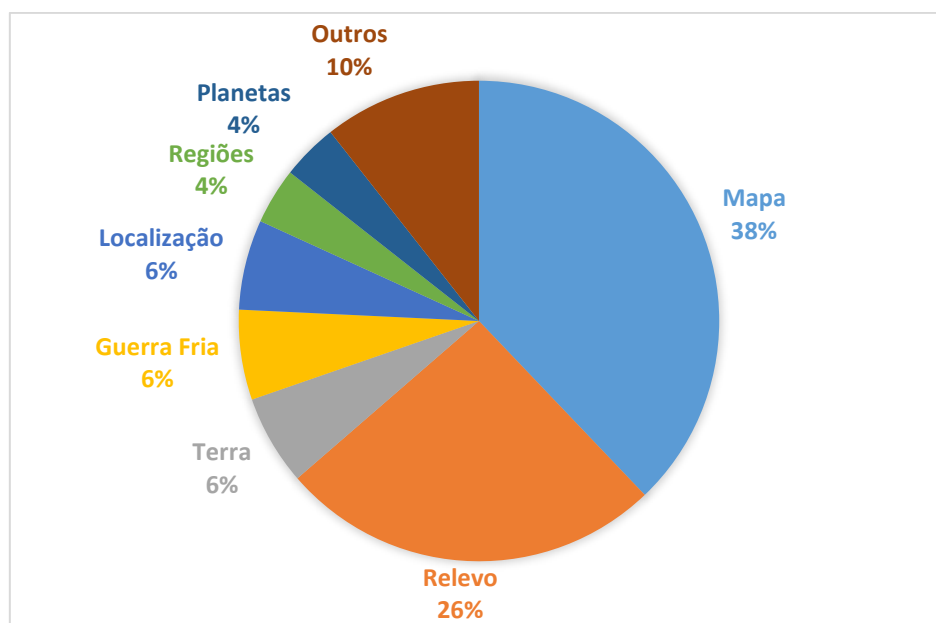
O Colégio Estadual Jardim Meriti está localizado no bairro de Jardim Meriti, em São João de Meriti, na Baixada Fluminense, na região metropolitana do Rio de Janeiro. O município

faz divisa com cidades como Belford Roxo, Mesquita, Nilópolis, Duque de Caxias e a cidade do Rio de Janeiro.

A cidade possui 43 escolas estaduais, onde 33 abrangem o ensino médio regular. O Colégio Estadual Jardim Meriti é composto pelo ensino médio regular funcionando nos três turnos e o NEJA (Nova Educação Para Jovens e Adultos) oferecido nos turnos manhã e noite.

Na primeira questão do questionário, foi pedido para que os alunos escrevessem 3 palavras que viesse a sua mente quando se pensa em Geografia. (Figura 1).

Figura 1: Palavras mais representativas relacionadas a geografia segundo a percepção dos alunos



Fonte: Oliveira Junior (2017)

Através do gráfico acima, pode-se notar que “mapa” e “relevo” foram as palavras predominantes citadas pelos estudantes. Nesse sentido, percebe-se que os alunos se apegam muito a questão da cartografia e das formas geomorfológicas.



É de conhecimento geral que os mapas são ferramentas essenciais para a geografia, pois é a partir dela que localizamos e especializamos os fenômenos geográficos que ocorrem no espaço, permitindo um domínio espacial.

A adoção de mapas já elaborados, e, principalmente, a construção de representações espaciais potencializa a compreensão daquilo que está “escrito” na paisagem. Daquilo que é perceptível aos órgãos do sentido, mas que não pode ser compreendido sem uma análise mais profunda. Assim, à cartografia, enquanto conteúdo procedimental e linguagem peculiar da Geografia, cabe um papel essencial na formação do raciocínio espacial, na formação de uma consciência espacial visando a uma atuação autônoma, crítica e transformadora (MORAES, 2003, *on-line*).

Fonseca e Oliva (1999) citado por Sposito (2004) relatam que tradicionalmente, a geografia se consolidou através do uso do verbo e da gráfica. Entretanto, essas diferentes linguagens se encontravam em diversos embates e a cartografia geralmente era a que mais se sobressaía diante desse conflito.

Se pode notar que essa supremacia ainda está no imaginário da geografia nos dias atuais, onde os mapas são percebidos pelos alunos como um conteúdo em si da geografia, não como um instrumento para o seu estudo. A cartografia, de fato, é um recurso fundamental para a análise geográfica, entretanto, ela também está presente em várias outras disciplinas, para a visualização e apuração de seus determinados conteúdos e contextos.

Portanto, é fundamental que o aluno tenha o entendimento que a contribuição da geografia abrange muito mais que a cartografia. Se faz importante que o estudante tenha um domínio espacial através da leitura de mapas, porém é necessário ter a consciência de que a linguagem cartográfica é utilizada como uma “possibilidade de intermediação para o “olhar geográfico” da realidade (Sposito, 2004)”, ou seja, os mapas são usados pela geografia como instrumento para a análise.

No item “Outros” encontra-se as palavras que apareceram menos de 5 vezes durante a verificação dos dados. Ao analisa-las percebe-se uma maior variedade de palavras relacionadas a geografia física, como “mar”, “solos”, “clima”, “crosta” entre outros, demonstrando que, juntamente com “relevo”, segunda palavra mais recorrente da questão, os elementos da natureza se tornam mais característicos da geografia pelos alunos. Essa constatação pode ocorrer devido aos assuntos direcionados a esse viés serem visualizados

apenas na geografia, diferente de alguns assuntos relacionados a geografia humana, que podem ser vistos em outras disciplinas na escola, ainda que através de uma ótica diferente.

Na segunda questão, foi solicitado que os alunos respondessem o conceito de geografia, tentando entender qual a formulação que eles agregam a disciplina a partir dos conteúdos estudados em sala.

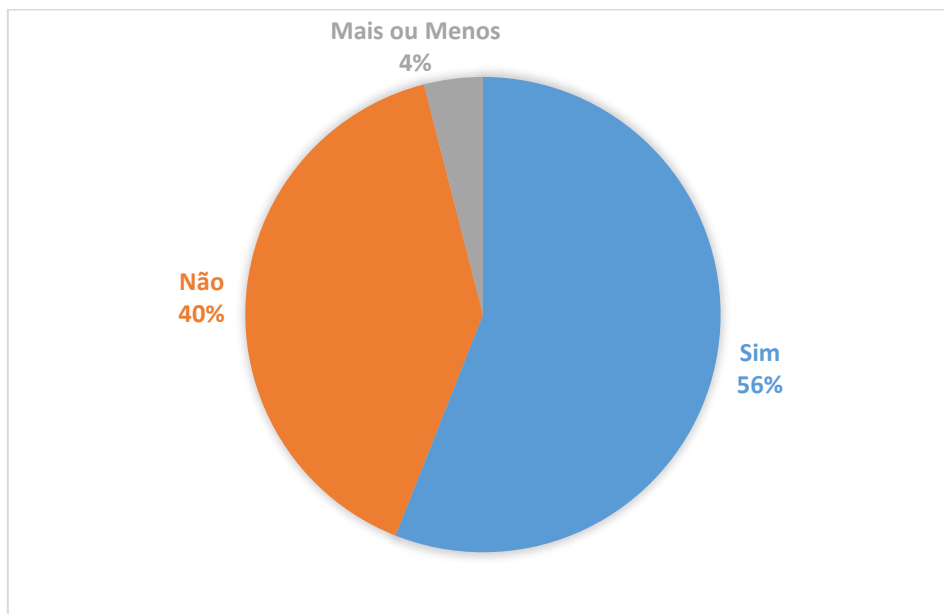
Dessa forma, pôde ser observado várias nuances no que se refere a percepção dos estudantes. Um número considerável de alunos relacionou o estudo da geografia com o estudo do planeta em geral, surgindo respostas como “É o estudo da Terra”, “É a ciência que estuda o mundo” e “É uma matéria para entendermos mais o nosso planeta”, o que pode ser considerado uma formulação simplória e reducionista.

Também se percebe que há uma certa fragmentação em relação ao entendimento deles em relação a geografia, no qual pode-se notar em respostas como “É o estudo da natureza e da história”, “É a matéria que estuda os lugares e a política” e “Estuda a formação da terra e a população”. Ou seja, os alunos não conseguem integrar os vários elementos que a geografia estuda para analisar o espaço geográfico e sintetiza-los em uma resposta clara.

Além disso, também houve um grande número de estudantes que escreveu a clássica resposta “É o estudo dos mapas”, apontando a problemática de se pensar a cartografia como base e não como ferramenta para o estudo geográfico.

Em seguida, os alunos responderam se havia tido alguma mudança, na percepção deles, na geografia do ensino fundamental para a geografia do ensino médio (Figura 2).

Figura 2: Mudança em relação da geografia do ensino fundamental para a geografia do ensino médio



Fonte: Oliveira Junior (2017)

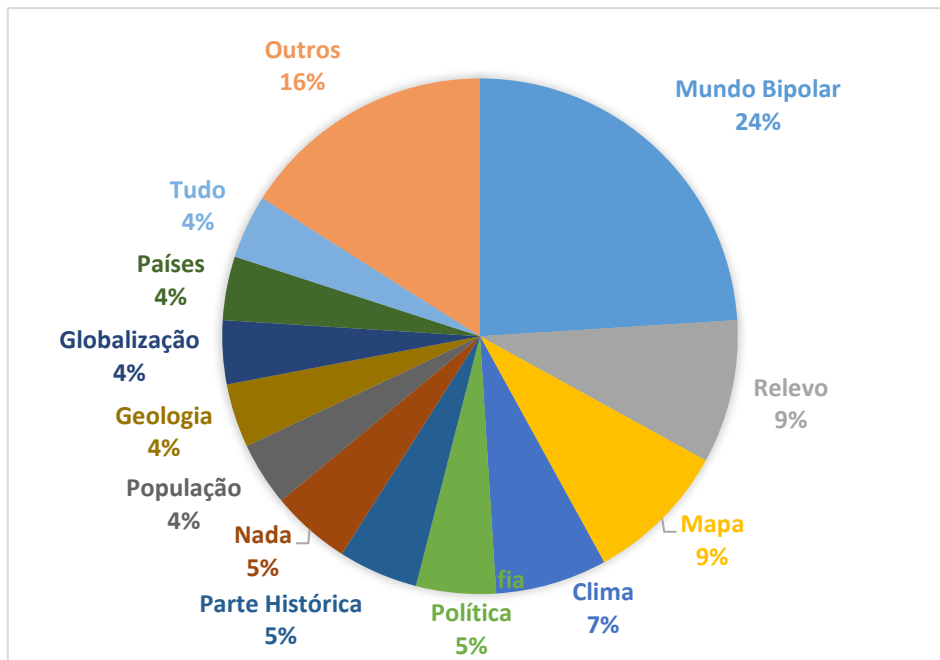
Como pode ser notado no gráfico, a maioria dos estudantes responderam “sim”, alegando que os assuntos foram mais aprofundados, se tornando mais amplos. Houveram justificativas como: “agora envolve também questões sociais” e “deixou de falar só de clima, solo e vegetação”.

Isto é, os alunos notam que no ensino médio, o enfoque dos conteúdos geográficos é diferente, visto que o ensino fundamental, geralmente, se fundamenta principalmente em falar das características do Brasil e dos continentes, tendo o estudante uma ampla carga de conhecimentos físicos. Já no ensino médio, a geografia física de forma substancial aparece apenas no 1º ano, conforme o currículo mínimo e a maioria dos livros didáticos.

A partir disso, percebe-se que a separação entre geografia física e geografia humana ainda está latente no ensino. Os alunos não veem esses elementos de forma integrada, muitas vezes ocasionado por uma aula “separatista”, que não procura trabalhar esses elementos em conjunto.

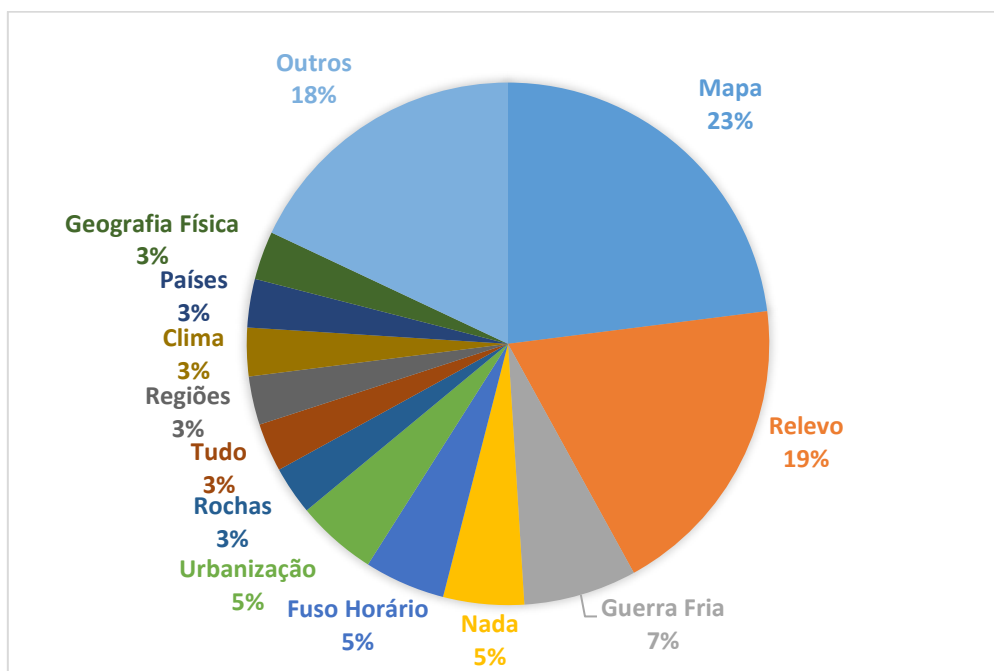
Posteriormente, foi perguntado quais eram os conteúdos de geografia que eles mais gostavam (Figura 3) e o que eles menos gostavam (Figura 4) de estudar em geografia.

Figura 3: Assuntos de geografia mais apreciados pelos alunos



Fonte: Oliveira Junior (2017)

Figura 4: Assuntos de geografia menos apreciados pelos alunos



Fonte: Oliveira Junior (2017)

Analisando os gráficos, percebe-se uma relação imediata entre a figura 4 e a figura 1. Os conteúdos mais característicos de geografia na percepção da maioria dos estudantes são justamente os assuntos que eles menos gostam de estudar.

Essa ojeriza tanto aos mapas quanto ao relevo pode acontecer devido a uma não compreensão clara pelos alunos em relação aos processos que envolvem esses dois elementos. No que se refere aos mapas pode-se atribuir ao fato da falta de recursos didáticos eficazes que facilitem a compreensão do educando, algo dificultoso nas escolas públicas brasileiras, onde a maioria são sucateadas, obtendo-se o mínimo para a sua existência. No caso do relevo pode-se referir a grande variedade de classificações e nomes complexos que as unidades de relevo detêm, onde em muitos casos é exigido que o aluno grave essas denominações.

Já os assuntos mais citados na figura 3 é identificado pela caracterização do mundo bipolar, onde foram aglutinadas as temáticas “Guerra Fria” e “Socialismo/Capitalismo”.

Pode-se agregar a essa constatação o fato deles considerarem essa temática como algo “alternativo”, diferente de tudo que foi visto em geografia, já que, conforme o currículo

mínimo, esse conteúdo está alocado no 1º bimestre do 2º ano do ensino médio, que é um momento de transição da geografia física do 1º ano para a geografia humana das séries posteriores.

É interessante notar o interesse dos alunos em estudar conteúdos como guerra fria e os sistemas econômicos, pois são elementos de profunda importância para entender as conjunturas políticas atuais. Esse resultado pode demonstrar um maior interesse dos jovens em obter uma opinião própria em relação a essas questões.

Outro item do questionário fez menção ao tempo de aula de geografia na escola (Figura 5). 2 tempos de 50 minutos cada por semana é o tempo que a geografia é sujeitada no ensino médio nas escolas estaduais do Rio de Janeiro.

A maioria considerável respondeu que estava satisfeito com o tempo de aula, na qual a maioria desses alunos alegaram que era tempo suficiente para aprender os conteúdos.

Figura 5: Satisfação dos alunos em relação ao tempo de aula



Fonte: Oliveira Junior (2017)

Também houve argumentos de que “2 tempos é um tempo justo”, já que a maioria das outras disciplinas também exercem o mesmo tempo em sala de aula. Outra justificativa interessante encontrada é que “se fosse mais prolongado se tornaria mais maçante”.



Essa grande aprovação por parte dos alunos referente ao tempo de aula que a geografia é submetida pode ser atribuída ao fato da maioria das aulas seguirem o padrão tradicional, sem uma maior dinamicidade referente ao conteúdo devido à restrição de alguns recursos. Nesse caso, 1 hora e 40 minutos de aula realmente é o suficiente para copiar um texto do quadro e ouvir a explicação do conteúdo.

Possivelmente, se a escola dispusesse de uma amplitude maior de recursos didáticos eficientes, a satisfação com o tempo de aula se tornaria menor, já que comumente para se concluir tarefas mais elaboradas se requer um tempo mais amplo.

Por fim, a última pergunta do questionário faz menção a importância de se estudar geografia. Dessa forma, foi questionado aos estudantes como eles entendem que a disciplina pode mudar o mundo.

A maioria das respostas positivas a questão está ligada ao meio ambiente e a tragédias ambientais, podendo ser observado em respostas como: “Nas descobertas para evitar tragédias, como quando um vulcão entra em erupção”; “Os estudiosos de geografia podem evitar possíveis acidentes naturais e alertar a população”; “Alertar sobre mudanças na Terra que podem causar estragos”.

Deste modo, os alunos consideram os conhecimentos geográficos importantes para ajudar a população a se proteger dos desastres naturais, que de certa forma está inserido na concepção de uma geografia cidadã, onde os conhecimentos geográficos adquiridos podem servir de base para a solução de determinados problemas em uma sociedade.

Na visão desses alunos, a geografia pode mudar o mundo através de conhecimentos para a preservação e melhoramento do ambiente no qual estamos inseridos. Entretanto, percebe-se que a visão de meio ambiente que eles carregam só leva em consideração a questão natural, no qual pode ser observado em algumas justificativas: “Influenciando a população a valorizar e preservar a natureza”; “A geografia pode ajudar a criar maneiras sustentáveis de se viver”; “melhorando a forma de tratamento do planeta”.

Entende-se, assim, que os alunos têm em mente que os conhecimentos de geografia são importantes para cuidar da natureza e na busca de maneiras de vida mais sustentáveis, de

maneira que não esgotem os recursos naturais, tratando-se, portanto, de uma geografia voltada para a Educação Ambiental (EA).

No entanto, é necessário se pensar em como a EA está sendo posta nas escolas. Em muitos casos, é uma concepção de responsabilização do indivíduo, onde se agrega ao sujeito a tarefa de restabelecer o ambiente. Todavia, uma pessoa que resolve gastar o mínimo de água possível ao se banhar não vai surtir um efeito na mesma magnitude que uma indústria caso busque formas de se desperdiçar menos água em seus procedimentos, por exemplo. É a alegação do “cada um faz a sua parte”, sendo que os problemas ambientais estão muito além do ser humano singular.

Também surgiu de feito relevante respostas associadas a características de estabelecidos lugares: “pelo fato de ajudar a saber de um determinado lugar”; “a geografia pode te ajudar a conhecer mais sobre alguns lugares”, remetendo à geografia uma condição apenas informacional, sem nenhum tipo de crítica ou intervenção na sociedade.

Além disso, houve um número notável de estudantes que não souberam responder sobre a importância da Geografia, sendo visualizado em respostas como “não sei”; “não acho que possa mudar o mundo” e respostas em branco. Dessa forma, pode ser visto que a geografia escolar ainda não gera significado para os alunos de forma plena, muitas vezes por essas desarticulações na qual a Geografia é apresentada na escola, onde os conteúdos não são associados e nem relacionados com a vida na prática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A geografia escolar no ensino médio precisa enfatizar de forma mais clara os seus objetivos formativos para os educandos. Verificamos por meio das respostas dos alunos do ensino médio do Colégio Estadual Jardim Meriti que há certos equívocos principalmente no que se refere ao objeto de estudo da disciplina.

Muitos dessas noções deturpadas não são novas, como a questão da geografia como sinônimo de mapas, que é um estereótipo que a disciplina carrega consigo há muito



tempo, se fazendo necessário de maneira urgente a quebra desse rótulo e a incorporação de novos conteúdos a serem trabalhados.

A geografia escolar nos dias atuais tem a missão produzir conhecimento geográfico por meio de seus conteúdos e sincronicamente oferecer sentido ao aluno, mas para que isso ocorra de maneira competente é necessário se pensar em novas metodologias.

Ao analisar a história da ciência geográfica paralelamente a geografia que se ensina atualmente na escola, percebe-se que ainda há influência dos métodos das correntes positivistas que fundamentavam a disciplina. Atualmente, se pensa na renovação dos conteúdos, porém a metodologia predominante da geografia escolar fica estagnada no passado.

Ou seja, a geografia apresenta novas discussões que antes jamais se apresentariam como parte dessa ciência, entretanto, a forma como esses assuntos são passados na escola estão calcadas em metodologias pouco eficientes e muitas vezes ultrapassadas. Os novos temas usualmente são tratados como meros conteúdos, onde se explica um e parte para o próximo, sem nenhuma relação de um com o outro, e principalmente com a realidade do aluno.

A situação exposta acima e no decorrer da pesquisa, destacam que os conteúdos de geografia na escola se tornam muito abstratos, onde o sujeito é tratado de maneira genérica, a exemplo dos estudos de população, onde o homem é tratado com uma mera estatística. Geralmente, nos livros didáticos, é no capítulo destinado a essa temática onde mais se encontram tabelas, gráficos e números, logo, é o sujeito tratado como um dado.

MOREIRA (2014), ao articular sobre como o Brasil é apresentado nos livros didáticos, relata:

(...) Qual é o Brasil do professor? Duas linhas de respostas se desdobram de imediato frente a essas perguntas. Uma que apresenta o Brasil como um todo formado de reunião de partes tão diferenciadas umas das outras que esse todo acaba por não ter uma face propriamente de sociedade brasileira. Outra que oculta por trás de expressões adjetivas como país tropical, país-continente, país-potência, país do futuro, país em desenvolvimento, país emergente uma leitura que se passa de uma concepção de país, não de sociedade com sujeitos de carne e osso propriamente. Discursos de um Brasil sem o rosto que o personalize. São discursos de politização pela despolitização do sujeito (MOREIRA, 2014, p. 131).

Esse “sujeito de carne e osso” que o autor expõe é o homem complexo na qual a geografia deve se atentar.

Como já foi afirmado, a discussões da geografia acadêmica tem muita dificuldade em chegar na escola. Esse é um problema que vai muito além do interior da geografia como matéria escolar. É um problema estrutural das escolas públicas brasileiras, onde a maioria são sucateadas, não obtendo recursos mínimos para um satisfatório processo de ensino-aprendizagem.

Kimura (2011) ressalta essa questão ao dizer que esse tema deve ser analisado em conjunto a organização escolar, se tratando de uma problemática conjunta:

Quando se discute o ensinar-aprender Geografia na escola pública, costumam eclodir questões colocadas como situações criadoras de obstáculos à aprendizagem escolar. Realmente, em vários casos é preocupante o quadro de depredação das instalações físicas da escola, assim como a questão da disciplina dos alunos nas escolas. Estamos tratando esse tema como um item integrante da organização da escola, por vermos, em termos gerais, a necessidade de a disciplina escolar ser pensada e receber um tratamento coletivo (KIMURA, 2011, p. 30).

Nesse sentido, é pertinente considerar esses elementos que estão fora da discussão do arcabouço teórico e metodológico da geografia enquanto disciplina escolar.

A geografia como campo do saber que permite o conhecimento do mundo, precisa se aproximar do aluno. E para que isso ocorra, é necessário que o estudante consiga enxergar e se enxergar nos processos dinâmicos que ocorrem no espaço geográfico. Dessa forma, se faz cada vez mais importante novas formas metodológicas de inserir e trabalhar os conteúdos geográficos. Porém, é preciso que haja uma mudança efetiva no que tange ao sistema educacional brasileiro.

Através de formas metodológicas dinâmicas e dialogadas, que trabalhem com a realidade do aluno e faça com que ele consiga enxergar aquele conteúdo de maneira evidente, a concepção corrompida da geografia na visão dos estudantes pode se aproximar da verdadeira face da disciplina.

As dificuldades que a geografia escolar apresenta em se expressar de maneira clara para os estudantes não decorre somente dos questionamentos internos da disciplina, sendo um



conjunto de artefatos que devem ser observados e refletidos em conjunto dentro do contexto educacional brasileiro.

REFERÊNCIAS

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.

KAERCHER, Nestor André. A Geografia escolar: Gigante de pés de barro comendo pastel de vento num fast food? **Terra Livre**. Presidente Prudente, SP. Ano 23, v.1, n. 28. p. 27-44. 2007.

MORAES, Loçandra Borges de.; **A utilização de mapas no ensino de geografia**. I Encontro estadual de didática e práticas de ensino. 30 de novembro a 2 de dezembro a 2003. Goiânia-GO.

FONSECA, Fernanda Padovessi.; OLIVA, Jaime Tadeu. A Geografia e suas linguagens: o caso da Cartografia. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri et. al. (Org.) **A Geografia na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1999. p. 62-78

SPOSITO, Eliseu Sevério. **Geografia e filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

MOREIRA, Ruy. **O discurso do avesso: para a crítica da geografia que se ensina**. São Paulo: Contexto, 2014.

KIMURA, Shoko. **Geografia no ensino básico: Questões e propostas**. 2. ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2011.